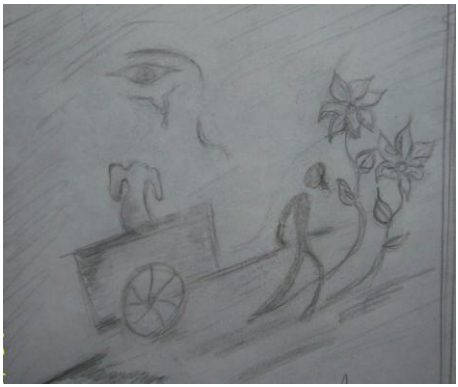
Mundinho de Raimundo



Markus Libra

Em memória de Pedrinho, meu velho, meu amado herói, que na luz do seu tempo, em meio a terra tombada, no rabisco dos sonhos, acreditou que livros fariam seus filhos voarem livres, no tempo além do seu tempo.

Markus Libra, filho de Pedrinho.

Prefácio

Markus Libra é um amigo poeta pirajuiense, escritor inteligente, trabalhador, antenado na vida política, esportista. Conhecia Libra havia mais de 25 anos. Mas sua notável capacidade de transformar imagens em palavras conheci há poucos meses. Bela surpresa. Deus coloca nos homens dons e habilidades que encantam outros homens. Deus coloca Sua “imagem e semelhança” nos homens para que eles se comuniquem, se conheçam, se ajudem.

Markus faz tudo isso com propriedade quando nos mostra sua delicadeza no trato com o outro, com o próximo. “Mais um dia de sua vida nua de social, crua de não ter nada” é a radiografia de Raimundo; personagem central de sua obra. Apenas um poeta com a sutileza de Markus para nos formar na mente a imagem em que “os raios dos aros refletiam ao toque do sol”. Apenas um poeta com o entendimento da preservação da vida poderia fotografar em palavras a cena na qual o cão “Fumaça estava garboso com suas orelhas quebradas sobre os olhos”. É justamente esse poeta quem nos ensina a simplicidade do falar com Deus ao descrever a oração de mãe Maria: “Vê a tristeza de meu filho? Vê meu Jesus? Ele tem tão pouco... E ainda lhe é tirado”. Markus é sentimento, coração, transcendência e razão. Libra é carrossel de letras, emoções, imagens e sons.

Markus me faz lembrar Émile Benveniste: “O homem sentiu sempre e os poetas frequentemente cantaram o poder fundador da linguagem, que instaura uma sociedade imaginária, anima as coisas inertes, faz

ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu."

André Arruda Plácido é graduado em Relações Públicas, Jornalismo e Teologia. Especialista em Comunicação e Liderança em Missões Mundiais pelo Haggai Institute de Cingapura. É fotógrafo, cronista, radialista, professor da rede pública do Estado de São Paulo e do Seminário Teológico Batista Nacional.

Mundinho de Raimundo

Markus Libra

Raimundo saiu à rua. Mais um dia de sua vida nua de social, crua de não ter nada. Empurrando seu carrinho de papel, de papelão.

A mãezinha de Raimundo chama-o carinhosamente de Mundinho. Mundinho tem os olhos tristes; quieto olhar perdido no sem fim. Atrapalha o trânsito, vasa no sinal vermelho, os carrões freiam em cima e um palavrão crava no coração do moço menino.

Vai com ele o retrato Brasil, da exclusão e dos sonhos marginalizados. As rodas do seu carro de levar recicláveis são velhos aros e pneus de bicicleta.

Noite passada Mundinho sonhou. Sonhou sim. Narrou o que sonhou para mãe Maria.

No sonho, ele ia pela rua, num carro novo, carregado de papelões, garrafas pets e latinhas. Nossa! Que carro ele tinha. Era um carro de rodas novas, os raios dos aros refletiam ao toque do sol. Mundinho estava feliz, no sonho de menino especial.

Dentro do seu carrão de rodas novas e raios reluzentes ia Fumaça. Fumaça é o cachorro de Mundinho. Fumaça estava garboso com suas orelhas quebradas sobre os olhos. Foi o que sonhou Raimundo.

Mãe Maria, naquele dia abraçou Mundinho. O filhinho que é moço, que é menino e tem os olhos marejados.

- Mãezinha! Tua bênção. E calou-se na voz embargada de todo dia. Mundinho calou-se.

- Filho meu, Mundinho do meu mundinho, vai então.

- Vai. Disse Mãe Maria.

Acenou do portão e provou mais uma vez do sabor das lágrimas que muitas mães nesse Brasil provam todos

os dias ao verem seus filhos na fome e na exclusão social.

Mundinho que é Raimundo, que é moço, quase homem, que é criança por ter debilidades mentais e por isso é especial. Especial por ter os raciocínios limitados. Especial por ter o coração maior que de uma pessoa normal. Especial por ser filho de Maria, que é nome da mãe de Jesus. Especial por Cristo amar todos os seus filhos igualmente; diferente das religiões e dos homens.

Agora já são sete da manhã. Raimundo já esta pelas ruas enchendo seu carro de recicláveis.

- Bom dia seu José! Seu José é o proprietário da quitanda da Treze de Maio.

- Bom dia Raimundo!

- As caixas estão no corredor no lugar de sempre. Põe no carrinho e venha.

- Tem frutas para você levar para tua mãe.

Seu José é desses que vivem na labuta desde criança. Vez ou outra ajuda Raimundo e mãe Maria. Raimundo agradece e abraça seu José. Logo sai com seu carrão de papel de papelão.

Agora ele vai descendo a Avenida Nações. Vai Raimundo e Fumaça. Pára na praça do colégio, senta num banco, Fumaça deita a seus pés. Do outro lado dos alambrados muitas crianças brincando, correndo; têm futebol na quadra. Raimundo observa perdido em pensamentos. Fumaça o olha terno.

Mundinho também gostaria de brincar e correr com os garotos ditos normais, jogar futebol, uma mochila bonita e a camisa branquinha com o nome do colégio.

Mas seus olhos de cor mel marejam olhando suas vestes de remendos tantos, sua vida de remendos tantos, sua alma de outros tantos de sonhos pequenos.

E seus lamentos são interrompidos por alguns garotos que começaram a zombar, fazer de Mundinho diversão. Alguns até atiram pedras, cospem apelidos que ferem, Mundinho coloca as mãos no rosto.

- Ninguém gosta de Mundinho! ... Ninguém. Resmunga pra si mesmo.

E sai correndo com seu carrão de papel de papelão. Ver Raimundo todo desengonçado correndo e tropeçando, é diversão de garoto bacana.

O entardecer veio rápido. Raimundo perdeu-se em seus pensamentos. Já entregara a carga de recicláveis no depósito. As luzes da cidade se ascenderam, as lojas se enfeitam de néon. Raimundo se encanta com as cores.

No retorno pra casa, pára na calçada de um restaurante. Está com fome. Estaciona seu carro no acostamento. Não na vaga de cliente. Deixa na rua, rente a guia. Normal se fosse um cara de terno e gravata, mas é o carro de Raimundo. O carro de Mundinho levar recicláveis.

Logo o segurança do estabelecimento percebe a presença do menino. E com grosseria vai lhe expulsando, sem paciência, empurrando...

Raimundo não compreende, apenas tem fome. As pessoas estão ali. Todos degustando algo bom. Todos se alimentando. Menos Fumaça, menos Raimundo.

Fumaça vendo ofender seu amigo rosna para o segurança, o mesmo que sem piedade chuta forte o animal que explode na calota de um carro. Fumaça geme no asfalto. Raimundo perde o juízo, gesticula, se engasga

nas palavras, toma mais um tranco. Os seguranças o empurram, atiram-no na rua.

Mundinho soluça... Agora quieto olhando seus algozes... Quando uma moça intervém, toma a mão de Mundinho e o ajuda a levantar. A moça o protege. Ele não entende muito que ela diz. A moça esta num vestido azul. Raimundo pega Fumaça e leva de encontro ao peito. A moça abraça o menino, como que querendo acalmar a alma, como anjo bom. Mãe Maria diz que menino especial tem proteção dos anjos em todos os lugares. As mãezinhas que tem filhinhos especiais acreditam em anjos, que mesmo Jesus vem à noite dar conforto ao coração. Agora Raimundo crê que anjos vestem em azul céu.

- Brigado... Moça...

Fumaça sufocava, sua cabeça pequena sangrou, o olhar de Fumaça buscava Mundinho.

- Moça... Ele quer respirar... Ajuda-me...

- Por favor, ajuda... Mundinho se calou. A moça deixou cair uma lágrima, colhida do afago da alma e, saiu correndo para dentro do restaurante. O segurança se aquietou, os clientes se calaram... As luzes da cidade silenciaram. Raimundo ainda com o cão nos braços:

- Ele quer respirar... Continuou Raimundo aflito.

Fixando o olhar em Mundinho, o cão finalmente expirou. E ficou silêncio. Raimundo o abraçou mais forte. Fumaça não mais respondeu. A moça de vestido azul voltou para sua mesa. Beijou uma criança numa cadeira de rodas... Chorou. É que anjo também chora, o próprio Cristo às vezes chora.

Raimundo colocou Fumaça no seu carrão, de papel de papelão. Um olhar pra moça de vestido azul.